

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Soares, Carmen Lúcia.

Educação física: raízes européias e Brasil/Carmen Lúcia Soares; prefácios Denise Bernuzzi de Sant'Anna, Dulce Maria Pompêo de Camargo e Heloísa Helena Pimenta Rocha - 4. ed. - Campinas, SP: Autores Associados, 2007. - (Coleção educação contemporânea)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7496-018-0

1. Educação física - Aspectos sociais 2. Educação física - Brasil - História I. Sant'Anna, Denise Bernuzzi de. II. Título. III. Série. 94-1814 CDD - 613.70981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Educação física: História 613.70981

1ª Edição - 1994

Impresso no Brasil - abril de 2007

Copyright © 2007 by Editora Autores Associados Ltda.

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Nenhuma parte da publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização por escrito da Editora. O Código Penal brasileiro determina, no artigo 184:

"Dos crimes contra a propriedade intelectual

Violação de direito autoral

Art. 184. Violar direito autoral

Penal - detenção de três meses a um ano, ou multa.

1ª Se a violação consistir na reprodução, por qualquer meio, de obra intelectual, no todo ou em parte, para fins de comércio, sem autorização expressa do autor ou de quem o representar, ou consistir na reprodução de fonograma e videograma, sem autorização do produtor ou de quem o representar:

Penal - reclusão de um a quatro anos e multa."

Apresentação

Esta é a 4ª edição, em livro, da pesquisa realizada entre os anos de 1985 e 1990, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração Filosofia e História da Educação da PUC-SP para a obtenção do grau de mestre.

O trabalho original de pesquisa, intitulado O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil: 1850-1930, contou com a cuidada orientação da professora doutora Edógenes Aragão, que como historiadora não apenas ampliou meu olhar para o tema, mas, sobretudo, forneceu as primeiras ferramentas desse ofício. Sem o seu precioso acompanhamento este trabalho nunca teria existido.

A versão defendida como dissertação de mestrado sofreu importantes modificações para ganhar sua forma em livro, editado pela primeira vez em 1994 com o título Educação física: raízes européias e Brasil. Essa tarefa só foi possível pela leitura atenta e cuidada da professora doutora Helberta Jamnuzzi, que, com ousadia e confiança, acolheu um trabalho cuja temática emergente à época no campo da educação ainda não lhe era familiar.

Parece-me sempre prudente pensar que os trabalhos são datados e, assim, guardam em suas páginas os "ares de seu tempo". Entretanto, o tema tratado neste livro, longe de estar esgotado, é re-significado a cada momento. Recordo-me que concluí a dissertação em 1990 perguntando "(...) os apelos da mídia às formulas frenéticas de cuidar do corpo, hoje, não variam a nova roupagem de um higienismo e eugenismo pós-moderno (...)".

Passados exatos dezessete anos, essa pergunta ainda hoje me inquieta, e as múltiplas respostas que vêm sendo esboçadas em diferentes campos de investigação, sobretudo no campo das ciências humanas e da educação, indicam claramente a fertilidade do tema.

Parece-me que este livro, que completa treze anos de existência neste ano de 2007, vem recebendo de um público leitor bastante amplo e diversificado novas interpretações e, desse modo, criando também novos caminhos para o conteúdo de suas páginas. A esse público anônimo dedico, finalmente, meus mais sinceros e profundos agradecimentos.

Campinas, verão de 2007

Carmen Soares

nais nas primeiras sistematizações sobre a ginástica ocorridas na Europa após a Revolução Burguesa. Refere-se aos trabalhos desenvolvidos por Ling, na Suécia, e Spiess, na Alemanha, destacando os importantes estudos anômicos e fisiológicos realizados nesses países, para o desenvolvimento "científico" da ginástica. Rui Barbosa faz alusão especial ao diploma de "médico ginasta", que é conferido àqueles que passam pela Real Academia de Ginástica de Estocolmo. Quanto à Alemanha, observa que neste país

a medicina tem feito uma acertada aplicação da ginástica às idéias da higiene e da terapêutica, tem indicado os meios mais convenientes de fortificar todos os órgãos, aumentar a energia das propriedades vitais, e, guiados pelos conselhos dela, os ginastas, imitaram exercícios acomodados ao fim de imprimir uma ação especial a cada uma das partes do corpo, principiando pelos mais simples movimentos, até ir, suave e progressivamente aos mais compostos [Barbosa, 1942, p. 77].

Esta ginástica funcional e fragmentada, atravessada pelo viés médico higienista, constitui um elemento a mais no conjunto de normas morais e disciplinadoras. Ela foi expressão da sociedade na qual foi gerada, e Rui Barbosa soube captar sua singularidade e importância na construção da ordem, conferindo-lhe cientificidade, e neste sentido, *status*. A "ginástica científica", respaldada nas ciências biológicas e recomendada mundialmente por médicos, reforçava o reducionismo biológico presente na sociedade, transformando-se em importante canal de veiculação da moral burguesa através de um exacerbado cuidado higiénico com o corpo.

E Rui Barbosa teve habilidade, diplomacia e "competência" para transformar a ginástica, esta mágica divina, em conteúdo de ensino integrado aos currículos escolares. Procurou sempre, em nome do novo, do moderno, do científico, colocar a ginástica como potencialmente capaz de, em si mesma, desenvolver corpos saudáveis em meio à miséria física e social do povo, em meio a doenças, epidemias e morte.

Sendo porta-voz de uma determinada facção da elite brasileira, aquela identificada com o capitalismo nascente, muito mais vi-

gorosa e em expansão do que aquela identificada ainda com o escravismo, Rui Barbosa se faz presente nos embates travados por estas facções do poder. Percebe a necessidade de uma transformação na sociedade que pudesse viabilizar o capitalismo industrial e as novas forças produtivas em expansão. Daí sua preocupação com a educação e com a saúde do povo e, particularmente, com a educação física do trabalhador e da mulher/mãe.

Rui Barbosa participa ativamente de um momento da sociedade brasileira, as últimas duas décadas do século XIX, no qual delimitam-se de modo mais acentuado os contornos para que novas relações políticas e um novo regime de governo, finalmente, concretizem-se.

5. PENSAMENTO MÉDICO HIGIENISTA E EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRIMEIRA REPÚBLICA: O REFORÇO "CIENTÍFICO" A UM INSTRUMENTO DA ORDEM

As incompatibilidades existentes no interior da elite brasileira, claramente dividida entre uma formação social capitalista e uma formação social escravista, acentuam-se no final do Império. As tensões resultantes dessas incompatibilidades passam, consequentemente, a refletir-se nos aparelhos de Estado, e novas relações políticas, um novo regime de governo, tornam-se necessários para "administrar" as tensões, assim como para concretizar o tipo de desenvolvimento desencadeado no Brasil nos últimos anos de Império.

O advento da República, liderado por uma elite declaradamente liberal, burguesa e, portanto, capitalista, nada mais foi do que um novo estímulo às atividades econômicas brasileiras.

Embora difícil de ser avaliada, a proclamação do novo regime teve grande impacto sobre as mentalidades. Ela foi para as elites como que um sinônimo de libertação de idéias, de sentimentos, atitudes, e, sobretudo, mudança. Essa mudança pode ser sentida de modo mais acentuado no que se refere aos padrões de moral e honestidade.

José Murilo de Carvalho, analisando este momento da história brasileira, observa que

se deu uma vitória do espírito do capitalismo desacompanhado da ética protestante. Desabrochou o espírito aquisitivo solto de qualquer peia de valores éticos, ou mesmo de cálculo racional que garantirisse a sustentação do lucro a médio prazo. Era um capitalismo predatório, fruto típico do espírito bandeirante [CARVALHO, 1987, pp. 26-27].

Um regime assim, se, por um lado, "desenvolve" a sociedade brasileira, iniciando, ainda que tardiamente, a sua integração ao capitalismo mundial, por outro, e como face do mesmo processo, accentua a miséria, degrada a vida e destrói os laços mais singelos e ternos que unem os indivíduos, atirando-os desde muito cedo a um tipo de trabalho degradante e mal pago.

Como testemunho da miséria do povo estão os altos índices de doenças e de mortalidade nas primeiras duas décadas da República.

Gerson Zanetta de Lima afirma que

morria-se de uma infinidade de pragas naquela época e o interior não se diferenciava muito das capitais, quanto à variedade. A varíola, a febre amarela, a malária, a tuberculose e a lepra eram doenças comuns [...] A concentração urbana facilitava a disseminação dessas doenças [...] [e de outras] menos comentadas na literatura a respeito da situação de saúde da época. [tais como] o sarampo, a coqueluche a difteria, o tétano, a poliomielite, as diarreias infantis, a desnutrição e o parto que também faziam inúmeras vítimas sendo que a tradução geral do quadro era uma elevada mortalidade geral, uma altíssima mortalidade infantil, da ordem de trezentos a quatrocentos por mil, e uma baixa expectativa de vida ao nascer [Lima, 1985, pp. 89-90].

Este quadro, se mantido por um longo tempo, poderia ameaçar as forças produtivas da nação, impedindo, pelas doenças e mortes, a reprodução da força de trabalho necessária à reprodução do capital e à efetiva implantação do novo regime.

É no contexto republicano, portanto, que podemos situar com maior ênfase o discurso médico higienista e os seus pressupostos

de moralidade sanitária, discurso apropriado e difundido por pedagogos e estadistas, tais como Rui Barbosa.

Se este discurso acompanha e de certo modo dirige a sociedade brasileira durante todo o Império, conforme observamos neste capítulo, particularmente no que diz respeito à educação das elites, é com o advento da República que será colocado em prática através de ações intervencionistas apoiadas pelo Estado, com o objetivo de, em nome da saúde, manter a ordem, ampliando para o conjunto da população a determinação de normas para conseguir uma vida-saudável, e o "pleno funcionamento da sociedade". Isto porque é com a República que os médicos começam a assumir cargos e a se imiscuir na vida administrativa do país.

Com uma formação europeia (francesa), de acentuado caráter científico, dado particularmente pela revolução bacteriológica, desenvolvida a partir dos estudos de Pasteur, os médicos higienistas, de fato, mostraram-se eficientes no combate a algumas doenças e, especialmente, aos efeitos perversos das epidemias, estas bem mais frequentes e arrasadoras no âmbito das cidades, centro de poder decisório da nova sociedade brasileira.

Não é, portanto, por acaso que os médicos higienistas elegem a cidade, este lugar contraditório de riqueza e miséria, como um dos alvos principais de seu controle, objeto de meticulosa intervenção higiénica. Quanto ao meio rural, o campo, embora apresentasse os mesmos problemas de saúde encontrados nas cidades e as mesmas taxas de mortalidade, não foi objeto de preocupação e intervenção da medicina social em sua vertente higienista, a qual se mostrou intimamente ligada ao urbano, mencionando a zona rural,

apenas para louvar a pureza de suas condições atmosféricas quando comparadas com a das cidades, as suas belezas naturais, a sua paz. A cidade ao contrário é uma fonte de desordem, de doenças, e é por isso que deve ser o objeto privilegiado da ação médica [Novas, 1979, p. 38].

Esta ação médica, que será implementada pela higiene, irá justificar todas as grandes transformações das cidades como uma questão de saúde uma vez que, neste momento, a higiene passa a

fazer parte das "Ciências Sociais, [e integral] sua lógica à Estatística, à Geografia, à Demografia, à Topografia, [torna-se] instrumento de planejamento urbano" (Costra, 1984, p. 47).

As medidas sanitárias a serem tomadas objetivavam, portanto, implementar estratégias de controle higiênico das cidades e atuar radicalmente a sua estrutura urbana, bem como o modo de vida de seus habitantes.

As medidas tomadas, tais como canalização de rios, instalação de esgotos, controle e tratamento de águas, vacinação obrigatória, entre outras, não foram exclusivamente fruto da arbitrariedade e autoritarismo do pensamento médico higienista a favor do Estado. Foram medidas que expressaram, de modo inegável, o caráter civilizatório do capitalismo e foram, até certo ponto, benéficas à população, pois contribuíram para o rompimento com idéias e práticas ligadas a um pensamento e a explicações religiosas. Elas faziam parte do projeto burguês de modernidade e civilidade idealizado para o Brasil.

O que é preciso ressaltar neste projeto burguês é o fato de que, para a sua consecução, não bastava apenas controlar racionalmente a saúde, mas também, e principalmente, tornava-se necessário controlar a moral das classes subalternas, confer e domesticar a irracionalidade das paixões populares, modificar o seu modo de vida, a sua habitação, assim como os seus cuidados com o corpo.

Para além deste forte viés moralizador, há que se ressaltar também o significado da higiene pública sob a ótica da produção da força de trabalho e da adequação à nova ordem que se instala sob a égide do capital.

Para Gerson Zanetta de Lima, é possível resumir este significado

a um conjunto de medidas de intervenção que se estabelecem sobre o meio, de modo a diminuir sua influência patogênica sobre os corpos. Na evolução das sociedades capitalistas, seu desenvolvimento se dá quando as fortes taxas de morbimortalidade da população ameaçam paralisar o desenvolvimento das forças materiais de produção e, assim, se constituir em uma ameaça à própria existência da classe dirigente [...] são medidas tomadas, portanto, no sentido

de impedir a deterioração da força de trabalho, a mais afetada pela morbimortalidade [Lima, 1985, p. 47].

Principalmente nas cidades, locais de grande concentração populacional e mercado por excelência para a incorporação da força de trabalho, as medidas sanitárias foram fundamentais para a sua preservação. A cidade precisava alterar a sua imagem, uma imagem tétrica de causar horror.

O Rio de Janeiro, jovem capital da República podia ser a síntese da imagem da cidade no Brasil republicano, e sobre ela assim se expressava um jornalista da época:

A cidade é um monstro onde as epidemias se albergam dançando sabats magníficos, aldeia melancólica de prédios velhos e acaçapados, a descascar pelos rebocos, vielas sórdidas cheirando mal, exceção feita da que se chama rua do Ouvidor onde [...] o homem do "burro-sem-rabo" cruza o elegante da região tropical, que traz no mês de fevereiro sobrecasaca preta de lã inglesa, e [...] dilui-se em cachoeiras de suor [...] O povo está sem instrução! A indústria desprotegida. Os serviços públicos, de molas perras [...] só o comércio progride, o "honrado comércio desta praça" com o comendador a frente, o quilo de 800 gramas, o metro de 70 cm [Edmundo, 1982, p. 21].

Este é o retrato não apenas da cidade, da jovem capital republicana, mas é também o retrato desta nova sociedade que está se construindo, a sociedade do lucro fácil, do negócio grandioso a curto prazo, não importam os meios nem as consequências.

A intervenção médico-higiénica que ocorre neste cenário citadino e que expressa, sobretudo, a voracidade do novo regime, não se dará no sentido de alterar as relações sociais ali presentes. Estará voltada exclusivamente para o meio ambiente, que será considerado o responsável direto pela saúde, tanto do corpo individual, como do "corpo social". Assim, sanear o meio ambiente significava para os médicos higienistas (e, portanto, para o Estado), garantir, de fato, a formação de indivíduos fortes, saudáveis e úteis à pátria.

Desse modo, planificar e restaurar meticulosamente o espaço das cidades, higienizar casas, ruas, demolir antigos casarões, rasgar largas avenidas em meio a vielas sombrias, matar insetos atraídos de continuas desinfecções, promover campanhas de vacinação em massa, etc. etc. passavam a ser as grandes e redentoras tarefas da higiene pública, tarefas essas que associadas a uma educação higiénica do povo, criariam as condições necessárias e suficientes para a consolidação da ordem. Em nome dessa purificação, dessa assepsia do meio ambiente urbano, o saber e a autoridade médica invadem a intimidade dos lares, destroem os seus valores, suas práticas e desejos e impõem, no seu imaginário, o ideário burguês de civilidade: a ordem, a limpeza, a disciplina, a autoridade, a família, a moral, a propriedade privada...

O ideário colocado em prática pela Higiene separa os corpos, designando para cada um deles lugares específicos na sua casa (na qual deve viver apenas a família, devendo estar fechada aos "outros"), na fábrica, na escola, e na própria cidade onde se vive. Em nome da saúde, fala-se em metros cúbicos de ar, de ventilação e de luz necessários ao espaço da casa e do trabalho e, desse modo, processa-se um rigoroso esquadramento da população trabalhadora exercendo-se, assim, um controle "científico-político" do meio. Impõem-se uma disciplina que pretende adequar o corpo ao trabalho fabril, tornando-o assim mais dócil e submisso sob a ótica do poder e, ao mesmo tempo (e por isso mesmo), mais ágil, forte e robusto sob a ótica da produção como expressão do poder e da ordem. Esta disciplina corporal foi elemento constitutivo da educação higiénica do trabalhador, a qual deveria se dar na escola, caso ele viesse a frequentá-la. E frequentar a escola tornava-se necessário para o tipo de desenvolvimento para o qual se encaminha a jovem sociedade republicana.

A higiene e, como parte dela, a Ginástica ou Educação Física, continuavam a integrar as propostas pedagógicas, sendo consideradas em leis e reformas educacionais. Elas se tornaram, desse modo, a expressão concreta dos "cuidados corporais" normatizados pelo pensamento médico-higienista que concede um maior espaço em seus congressos aos temas e teses relativos à Educação Física e, particularmente, a sua importância na escola.

Higienista

A Educação Física preconizada pelo pensamento médico-higienista era estruturada em bases fisiológicas e anatómicas, as únicas consideradas "científicas". A partir, portanto, de um entendimento anatomofisiológico do movimento humano, os médicos colocavam o estudo da higiene elementar como complemento preparatório da Educação Física, tornando-a, particularmente na escola, um procedimento higiénico a ser adotado naquela instituição e incorporado como hábito para toda a vida.

O Dr. B. Vieira de Mello em seu livro *A Higiene na Escola*, escrito em 1902, dedica um capítulo especial à ginástica, alertando para a sua importância na escola:

[a ginástica] além de que influe no crescimento e na estética é um excelente meio de educação moral, porquanto forma o caracter, torna o homem corajoso, ensina-lhe a dominar-se e agir rapidamente, se as circunstâncias o exigirem [p. 36].

O hábito da ginástica traria, então, "inestimáveis benefícios" aos indivíduos em todas as idades, sobretudo na juventude. O Dr. Jorge de Souza, em pronunciamento sobre o tema "Da educação física e inspeção médica nas escolas", durante o VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, realizado em São Paulo em 1907, assim se expressa sobre os "inestimáveis benefícios" a serem seguidos pelos exercícios físicos:

[os] exercícios físicos ao ar livre, tão necessários ao desenvolvimento da musculatura e a oxidação do sangue, tão úteis às crianças e aos adolescentes, que tem imperiosa necessidade de movimento e que, ao contrário, são as mais das vezes condenados à imobilidade, à sedentariedade - quando bem dirigidos, são próprios [...] a desenvolver qualidades de destreza, de agilidade, de ligeireza e de força, preciosas em todas as classes da sociedade, mas indispensáveis aos alunos das escolas primárias, particularmente, destinados às profissões manuaes [Souza, 1907, pp. 136-137].

É possível apreender neste discurso médico a visão funcional que é atribuída à Educação Física na construção da ordem impos-

ta pelo capital, uma vez que os corpos ágeis passavam a ser uma necessidade.

Sobre bases científicas fornecidas exclusivamente pelas ciências biológicas, e fortemente determinados pela hipócrita moral burguesa (da qual compartilharam e ajudaram a construir), os médicos higienistas formularam suas teses sobre a importância do exercício físico na "educação popular", buscando com estas formulações uma adequação dos corpos aos novos padrões exigidos pela sociedade de mercado. Neste sentido, procuraram accentuar a necessidade de sua presença no interior da instituição escolar. Afirmavam, por exemplo, que cada aluno deveria ser examinado por um médico, e que este médico determinaria a natureza dos exercícios aos quais este aluno poderia se entregar¹³. Desse modo, segundo os médicos, seriam evitados os "excessos", os "exageros", e o "exercício físico, ~~viria-de-fato-contribuir para o engrandecimento da pátria, à medida que, segundo palavras do Dr. Jorge de Souza, através dos exercícios físicos, bem orientados (pelos médicos, é claro), seria possível melhorar e regenerar a nossa raça. Afirmava ele, em 1907, que seria necessário~~

accentuar, com todo o vigor da mais profunda convicção, que é uma necessidade que se impõem e se ressalta à evidência, palpitante e inadiável, a applicação de uma reforma, no sentido de promover o *melhoramento physico de nossa raça pela gradação regulada dos exercicios corporaes com a supervigilância incessante por parte do médico*. Em nenhum paiz - forçoso é confessal-o - a educação physica é mais necessária do que em nosso, pois talvez em nenhum outro povo se notem signaes tão manifestos de uma precoce degeneração physica, que o vae amesquinhando e que já tem affectado, sem dúvida sua virilidade civil e politica, tornando-o accessivel ao fatalismo absorvente que domina as consciências, à devastadora e pertinaz invasão do scepticismo politico, e vae atrophando as ener-

gias e entiblando o sentimento nacional [Souza, 1907, p. 153. Grifos nossos].

Mas, o que determinava este estado de coisas tão bem descrito neste discurso médico? O que determinava esta degeneração física do brasileiro? Quais os elementos objetivos e subjetivos que o tornavam "acessível" ao fatalismo, que afetavam a sua virilidade, que o tornavam descrente de leis, de homens... e de sua própria necessidade de viver? Certamente não era a falta de exercícios físicos ou o simples (des)conhecimento de formas "saudáveis" de viver.

O que tornava o povo miserável, doente, degenerado física e mentalmente eram as condições de vida e de trabalho impostas pelo capital, e que somente mais tarde, na década de 1920, passaram a ser denunciadas pelos médicos em seus relatórios e em seus congressos como ameaça à "saúde" da sociedade e da nova ordem, denúncias que tinham o cuidado de isentar de culpa o Estado brasileiro. Um Estado que não possuía leis de trabalho, ou qualquer dispositivo legal que obrigasse o patrão a efetuar pagamentos de indenização por acidentes de trabalho ou mesmo a simples preocupação de evitar tais acidentes nas fábricas.

Quanto à remuneração, elas variavam de acordo com o patrão, que também estipulava as normas da produção, como por exemplo: qualquer erro cometido pelo operário obrigava-o a pagar multa, o que muitas vezes diminuía sensivelmente seu salário. Sem falar no tratamento disciplinar dos mesmos, muitas vezes submetidos a castigos corporais. Todo esse quadro era controlado pelas forças de repressão, o que vem a ilustrar ironicamente a tese da maioria dos dirigentes de então, de que a questão operária não é questão social e sim questão de polícia... [Luz, 1982, p. 65].

Tais condições de trabalho vividas pelos adultos, nas quais proliferavam formas coercitivas idealizadas e realizadas a partir de um modelo disciplinar dos dominantes, eram também partilhadas pelo trabalhador infantil. Sua jornada de trabalho nunca era inferior a 12 horas diárias, durante as quais executava tarefas das mais nocivas a um desenvolvimento harmonioso.

13. Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, 6. Anuaes, 1907, p. 156. Essa posição defendida pelos médicos será anos mais tarde defendida também por aqueles que pensaram a educação escolar, como é o caso de Fernando de Azevedo.

Contradição entre trabalho e higiene na escola.

O caso do trabalho realizado pelas crianças na indústria têxtil é bastante elucidativo de nossas afirmações. No dizer dos industriais, existiam "certos trabalhos que só as crianças podiam fazer"¹⁴; esgueirar-se entre teares em espaços exíguos para recuperar fios ou bolas de algodão, permanecer horas e horas em posições abso- lutamente incômodas e perniciosas ao seu desenvolvimento físico, movimentando-se contínua e cansativamente entre máquinas pe- rigosas respirando flocos de algodão e odor de dejetos [Lima, 1985, p. 104].

E, enquanto o trabalhador infantil vivia esta realidade no mun- do do trabalho, os médicos detalhavam o espaço escolar de forma metuculosa, alertando para os problemas advindos de vícios postu- rais, para a necessidade de adequar o mobiliário escolar à anatô- mia infantil para que se pudesse, assim, "prevenir os distúrbios de coluna"¹⁵.

Dizia o Dr. Vieira de Mello que

Ao educador cumpre não só evitar que os alunos adquiram atitudes viciosas, como ainda corrigir as que apresentem. Porque, força é dizel-o, grande parte de defeitos phisicos observados em escolares tem sua origem no seio da familia, onde se permite às creanças escreverem em mesas desproporcionais à sua estatura, quando não sobre cadeiras e outros móveis provavelmente impró- prios e até nocivos [1902, p. 22].

Ocorre que não era exatamente no seio da família, mas no seio da fábrica (mundo do trabalho) que os defeitos e a degeneração fi- sica da infância tinham sua origem e se perpetuavam na vida adul- ta. E, lentamente, então, passa a existir uma percepção por parte da classe operária em formação no Brasil da necessidade de mos- trar tudo isso à sociedade, de responder ao aparato repressivo e sempre violento do Estado, de levantar-se contra as miseráveis condições de vida e de trabalho. A partir dessa percepção, diferen-

tes formas de resistência vão constituindo-se, e uma profusão de manifestações combativas ocorrem alterando o figurino que a so- ciedade oficial - a elite republicana - desenhava para a sociedade brasileira¹⁶.

A revolta da vacina, em 1904, no Rio de Janeiro¹⁷, foi uma mos- tra da resistência do povo a todas as medidas intervencionistas que vinham ocorrendo, a toda espécie de invasão a que estava sujeito seja na privacidade de seus lares, seja na intimidade de seus cor- pos. A vacina obrigatória era o elemento que se colocava concreta- mente como objeto possível de revolta, e revoltar-se significava re- sistir, resgatar o seu próprio espaço de vida, a sua dignidade perdida. Significava resistir ao modelo disciplinar/higiénico imposto pelas classes dominantes.

Essa resistência popular foi um dos fatores que contribuiu decisivamente para que, pouco a pouco, o modelo disciplinar ado- tado pelo Estado fosse alterando seus contornos e mudando sua direção. Neste quadro de alteração de práticas e discursos, os mé- dicos, alarmados com os altos índices de mortalidade infantil e aten- tos aos interesses do Estado, passam a alertar as autoridades so- bre a necessidade de cuidar da infância e de "educá-la".

O Dr. Moncorvo Filho, um dos mais ilustres representantes do pensamento médico voltado à proteção da infância, chamava a aten- ção das autoridades afirmando que "os pequeninos de hoje serão os grandes de amanhã, é nela [infância] que ponho as esperanças de grandeza atual do regime pela regeneração da pátria [apud Rago, 1985, p. 120].

Essa mudança de direção que assumem os médicos higienis- tas em seu discurso e sua prática, voltando-se aos "cuidados com a infância" e com a educação higiénica do povo, traduz-se em dife- rentes formas de intervenção na sociedade, as quais passam a ser implementadas ao longo da década de 1920.

Não são mais formas violentas, coercitivas. Agora são formas sutis, "educativas". Através delas os médicos denunciavam as condi-

14. Estas palavras foram pronunciadas pelo médico e Industrial Jorge Street apud Gerson Zanetta de Lima, 1985, p. 104.

15. *Ibidem*, ver também Bruzzo, 1988.

16. Sobre a resistência da classe operária em formação no Brasil, consultar Aziz Simão, 1966; Paulo Sérgio Pinheiro & M. Hall, 1979; Ricardo Antunes, 1982.

17. Sobre o assunto, consultar Nicolau Sewcenko, 1984.

ções de trabalho na indústria e passam a fazer propostas sobre medidas higiênicas a serem tomadas para o bom funcionamento das fábricas, das escolas e dos locais públicos em geral. Assim, recomendam a ginástica para toda a população e responsabilizam os empresários pelo estado de degeneração física e moral da classe operária, evidenciando, de modo cuidadoso, o descaso do governo para com o estado de miséria do povo. Neste quadro não deixam de fazer referência "à má educação do operário que não tem orientadores sinceros e inteligentes nas suas reivindicações" [idem, pp. 41-42].

Estes sinceros orientadores seriam, evidentemente, os médicos, uma vez que eles, mais do que ninguém, sabiam o que era mais adequado ao povo, da criança ao adulto, sem distinção. Suas ações, portanto, não deveriam mais recair somente sobre os focos de contágio e contaminação, elas deveriam recair sobre toda a população e toda a sociedade.

O campo de atuação dos médicos sanitaristas redefine-se neste período sob a influência da escola norte-americana, cujo representante no Brasil é o médico sanitarista Geraldo Horácio de Paula Souza, que reorganiza o Serviço Sanitário de São Paulo, tecendo críticas ao trabalho autoritário desenvolvido até então por Emílio Ribas, substituindo as campanhas obrigatórias de vacinas e desinfecções do meio por um trabalho de constante e meticulosa educação dos indivíduos. Segundo Emerson E. Merthy a concepção que Paula Souza tem de saúde pública é aquela que afirma ser a higienização do meio e a aquisição da consciência sanitária por parte dos indivíduos, elementos suficientes para que ninguém adoecia¹⁸.

O período em que ganham espaço as idéias de Paula Souza é aquele no qual ocorrem grandes debates em torno da saúde, da doença e da educação do povo. Pelo lado da saúde este é o momento da realização dos Congressos Brasileiros de Higiene organizados pela Sociedade Brasileira de Higiene¹⁹, instituição da sociedade ci-

18. Ver *O capitalismo e a saúde pública*, de Merthy, 1987.

19. "A Sociedade Brasileira de Higiene (SBH), fundada em 1923, permaneceu sempre uma instituição da sociedade civil, embora seus laços com o aparelho estatal, sobretudo os aparelhos de saúde pública tenham sido [...] Intensos [...] [As] pretensões da S.B.H. [...] não se resumem apenas em se constituir num espaço de discussão e de catalisação dos agentes envolvidos com a higiene. Bem

vil que reunia, no momento de sua criação, os principais nomes da Higiene e Saúde Pública do país. Os seus quadros eram formados por funcionários públicos, em sua maioria pertencentes ao Departamento de Saúde Pública, ou a órgãos e instituições de Saúde Pública em vários estados da federação.

Pelo lado da educação este é o momento no qual tem início a assimilação de um novo referencial, oriundo do que se chamou a Escola Nova²⁰, que terá na Associação Brasileira de Educação (ABE) um importante canal de veiculação deste ideário.

A ABE, criada em 1924 no Rio de Janeiro e reunindo educadores, médicos, advogados, engenheiros e outros profissionais, buscava aglutinar os esforços de todos aqueles que acreditavam ser possível transformar o país pela educação, promovendo através de campanhas educacionais uma reforma na mentalidade das elites, "convencendo-as da necessidade de regenerar, pela educação, as populações brasileiras, moldando-as como povo saudável e produtivo", e divulgando, assim, um novo ideário educacional [CARVALHO, 1989, p. 55]. Assim como outras organizações cívico-nacionalistas, a ABE se constituiu em espaço onde diferentes dispositivos de controle, regulação e produção do cotidiano das populações pobres foram forjados. Elucidativo de nossa afirmação é o conteúdo que se depreende de suas Conferências Nacionais, semanas de Educação, palestras e festividades, nas quais são cultuados "sígnos de autoridade e hierarquia e ritualizados no espetáculo cívico, modelos de comportamento exemplar [idem, pp. 78-79].

A ABE, bem como a Sociedade Brasileira de Higiene, teve a "formação de hábitos saudáveis" como objeto de preocupações e atenções especiais, e a saúde não só foi um dos

temas preferidos das preleções cívicas nas festividades, como também objeto de celebração em inúmeras competições esportivas ofe-

maiores parecem as pretensões da S.B.H., e claramente, através da Higiene e da Saúde Pública, exercer maior controle sobre o conjunto da sociedade...!" Luz, 1982, pp. 174-175.

20. Sobre o assunto remeto o leitor aos trabalhos de Jorge Nagle, 1978; Vanilda Paiva, 1973; Marta M. C. de Carvalho, 1989; Anísio Teixeira, 1977; Manuel Bergstrom Lourenço Filho, 1978; Raquel Gandini, 1979.

recidas em espetáculos como modelos exemplares de comportamento. O esporte e a vida saudável simbolizavam a energia, o vigor, a força, a prosperidade, signos de progresso inscritos no corpo que conhece o movimento adequadamente útil para cada ato [idem, *ibidem*].

Nesse novo modelo de educação que estava sendo assimilado,

[a] prática educativa, articulando-se com a prática de saúde, não apenas incorporou no currículo escolanovista certas disciplinas, mas concedeu-lhes também prioridade. É o caso das noções de higiene, dos trabalhos manuais e da educação física. Através do domínio de certas técnicas corporais, implícitas nestas disciplinas, buscava-se formar um comportamento adequado do ponto de vista bio-psico-social. Todas elas veiculam certas representações que a sociedade fazia de si mesma, como o aperfeiçoamento da raça e o sentimento nacionalista [...]

A Escola Nova introduzia uma nova construção social do corpo, multificada a partir de então no estereótipo da "regeneração da raça". O corpo deveria tornar-se saudável, isto é, manipulável, hábil, multiplicador de forças e, ao mesmo tempo, exteriorizar as qualidades psicológicas interiorizadas pelo domínio das técnicas corporais: a capacidade de previsão e de treinamento da vontade [NUNES, 1984, p. 543].

Este ideário educacional, fortemente influenciado pelo pensamento médico higienista, é amplamente veiculado e debatido em seus congressos. Médicos e pedagogos em perfeita harmonia e identidade conceitual buscam viabilizar, na prática, suas crenças na transformação social através da educação, este poderoso (e único) instrumento por eles considerado capaz de formar, desde a infância, os hábitos de vida saudável, o amor ao trabalho, à ordem e à disciplina.

Os Congressos Brasileiros de Hygiene, realizados ao longo da década de 1920 pela Sociedade Brasileira de Hygiene, são testemunhos da preocupação médica com a educação escolar e da importância que lhe atribuem na construção da ordem.

Naqueles congressos a escola, particularmente a escola primária, aparece como o instrumento mais adequado para viabilizar uma boa educação higiénica (ver CONGRESSO BRASILEIRO DE HYGIENE, 1923), o que nada mais era do que a aquisição de um sistema de hábitos que, uma vez integrados na vida dos indivíduos viriam favorecer a saúde individual e, ao mesmo tempo, preservar a saúde daqueles que os cercam.

Isto posto, facilmente se deduz que o único aparelho em condições de difundir econômica e eficazmente a educação higiénica é a escola primária por meio do respectivo professor [...] a escola primária constitui o agente fundamental de tão considerável tarefa [idem, p. 819, Grifos nossos].

A escola, então, é vista como o terreno que propicia a implantação de hábitos de viver sadamente. E é neste conjunto de hábitos saudáveis que compõem o ideário da educação higiénica a ser ministrada na escola – espaço que economicamente poderia disseminar essa educação higiénica para o conjunto da sociedade – que vamos encontrar os exercícios físicos.

O I Congresso Brasileiro de Hygiene, realizado em 1923, dedica um espaço considerável ao exercício físico no conjunto dos temas tratados. O exercício físico figura entre as contribuições que as instituições particulares poderiam oferecer para a educação higiénica do povo. A Associação Cristã de Moços (ACM)²¹ empresta,

21. Segundo Inezil Pena Marinho (s. d. -b, pp. 60-61), a "história das Associações Cristãs de Moços desponta com o trabalho de um clérigo inglês: Georges Williams que, em 1844, organiza um clube religioso ao qual deu o nome de Young Men Christian Association (Y.M.C.A.). Esta organização londrina serviu de modelo para muitas outras que se espalharam pelo mundo inteiro. A primeira associação desse tipo foi organizada em Boston, em 1851. Em 1856, foi proposto à Convenção nacional que as Y.M.C.A. estabeleçam o uso da ginástica e dos banhos. Os primeiros edifícios da Y.M.C.A., equipados para essas exigências, foram construídos em São Francisco, New York e Washington, em 1869. A primeira Associação Cristã de Moços instalada no Brasil, data de 1893, quando foi fundada a do Rio de Janeiro, com orientação norte-americana, primeiro núcleo de Calistenia implantado no país. A.A.C.M. teve papel relevante no desenvolvimento de vários desportos, notadamente do Basquetebol e Voleibol. Dez anos mais tarde, nos mesmos moldes e com idénticas finalidades de suas congêneres no

então, a sua "contribuição" à educação higiênica do povo, apresentando naquele congresso tese específica sobre a educação física.

J.H. Sims e Oswald M. Rezende, falando pela ACM, reportam-se às "geniais palavras de Rui Barbosa" e ao seu "monumental Pa-recer sobre a instrução primária em 1882", no qual este pensador dedica um capítulo inteiro à educação física. Tendo em mente as recomendações de Rui Barbosa, os dois representantes da ACM afirmam que uma educação baseada em princípios científicos e ministrada aos moços é um importante meio para difundir princípios higiênicos.

As teses sobre Educação Física defendidas pela ACM naquele congresso apresentam as seguintes conclusões:

- 1° - A educação physica é um meio eficaz de propagar a hygiene e alcançar a saúde.
- 2° - A educação physica deve ter por escopo desenvolver no indivíduo o quantum de vigor physico essencial ao equilibrio da vida humana, à felicidade da alma, à preservação da pátria e à dignidade da espécie.
- 3° - A educação physica, ministrada de acôrdo com um programma scientifico bem organizado, é para a maioria dos humanos, uma necessidade vital, exigida pela vida artificial que caracteriza assim a cidade moderna, como os methodos pelos quaes os homens de hoje ganham os meios de subsistência.
- 4° - As aulas de gymnástica e os desportos promovem, assim, o mais essencial para o bom exito na vida - a saúde.
- 5° - A propagação hygienica pessoal, v.g., no exame physico vestibular, produz os melhores resultados, sendo de se lhe aconselhar a prática a todas as organizações.
- 6° - Nestes exames physicos, verificam-se as condições precárias dos moços, ignorantes dos mais comensinhos principios de

Rio de Janeiro, é fundada a A.C.M. de São Paulo, que juntamente com o Mackenzie College, constitui poderosa fonte de disseminação da Calistenia [...]. As A.C.M. fundadas em outras cidades, dentre as quais Belo Horizonte e Porto Alegre, continuaram a difundir a Calistenia, que teve o seu período áureo após a Segunda Guerra Mundial".

hygiene, de postura defeituosa, dentes descuidados e grande porcentagem já infccionados pelas doenças venereas.

7° - As conferencias sobre hygiene e educação physica despertam grande interesse e são de grande valor no ensino da prophylaxia individual e social principalmente quando feitas com auxilio do cinematographo²².

As teses e conclusões da ACM apresentadas neste I Congresso Brasileiro de Hygiene, expressam uma concepção de Educação Física como-sinônimo de saúde física e moral, forçando uma relação entre exercício físico e saúde e acentuando a idéia de que a "aplicação correta" do exercício físico gera, por si, e de imediato, a tão almejada saúde. Expressam também a confiança dos médicos nos poderes do exercício físico, o que pode ser traduzido por uma visão triunfalistica e moralista do exercício físico, entendido como capaz de curar todos os males da sociedade, sejam eles de ordem física, sejam de ordem moral.

Esse poder quase mágico atribuído ao exercício físico figurará nos demais Congressos Brasileiros de Hygiene realizados ao longo da década 1920, variando apenas o seu enfoque ou forma de abordagem. Esta afirmação pode ser constatada através da leitura dos "Annaes do II Congresso Brasileiro de Hygiene" realizado em 1924 na cidade de Belo Horizonte, no qual se enfatizou o caráter técnico das ações higienistas, evidenciando o patriotismo das mesmas, assim como o seu significado para a "melhoria da raça". Foi aí que o binômio Educação Física e Hygiene tornou-se fundamental. O Dr. Amaury Medeiros, em discurso inaugural naquele congresso, assim se expressa sobre o assunto:

Com a visão do Brasil de amanhã urge prover inadiável, à educação nacional no seu triplice aspecto - physico, intellectual e moral - reservando-se à educação hygienica função essencial na formação eugênica da raça²³.

22. Congresso Brasileiro de Hygiene, 1923, pp. 21-22. Existem ao todo 10 teses, entretanto transcrevemos apenas aquelas mais diretamente relacionadas com o exercício físico.

23. Congresso Brasileiro de Hygiene, 2., Belo Horizonte, 1924, Annaes, p. 36.

E a ginástica é parte constitutiva da "educação higiênica", é o seu "complemento necessário" conforme expressão utilizada pelos higienistas, é um complemento que desde o século XIX é prescrito pelos médicos como receita, uma receita que deveria tornar-se hábito e constituir-se em uma "segunda natureza".

O exercício físico, entendido como hábito saudável de vida será amplamente debatido no 3º Congresso Brasileiro de Hygiene, realizado em São Paulo em 1926. Na leitura de seus Anais constatamos que dos doze temas apresentados, o que reuniu um maior número de trabalhos e teses foi o relativo à "Formação de hábitos saudáveis nas crianças, estudo psicológico e higiênico".

Afirmava o doutor Waldomiro de Oliveira que

Só o hábito pode dar elementos indestrutíveis para a "formação da consciência sanitária". Sem o hábito sadio, não é possível garantir a defesa da saúde da criança e garantir célula capaz de melhorar a raça de amanhã²⁴.

E para que os bons hábitos sejam, de fato, incorporados é preciso espaço para que possam ser ensinados, portanto,

estender à rede escolar primária por todos os núcleos onde se encontram crianças em idade escolar é obra do mais alto patriotismo e é sólido fundamento da instrução sanitária e da formação de hábitos de hygiene²⁵.

Ainda sobre o mesmo tema, o Dr. Colombo Spinola fala especificamente sobre o "valor da saúde" e accentua a necessidade do exercício físico para a sua manutenção e prevenção.

Sabemos hoje [...] que a saúde pode ser conquistada, bastando para isto nos cingir às suas leis, estudar e conhecer o nosso próprio organismo, contribuindo para mantelo em hygiene, que será

certamente o resultado de uma maneira sadia de viver, isto é, de um repouso suficiente, e um trabalho metódico, de exercícios moderados ao ar livre, de uma nutrição inteligentemente escolhida e adequada, etc. Realmente esta fora de dúvida, que o mais precioso capital de um homem é a sua reserva de força e sua perfeita vitalidade²⁶.

Cuidar dessa "reserva de força" e "vitalidade", preservando, então, esse "precioso capital" que é a saúde, passava a ser uma responsabilidade individual e, fundamentalmente, exigia obediência às regras de hygiene ditadas pelos "Serviços Oficiais".

Ter saúde seria possível, desde que o indivíduo possuísse "conhecimentos", que ele fosse "educado higienicamente".

Os serviços oficiais de hygiene enfatizavam as suas funções de orientação e fiscalização da execução dos "bons preceitos de hygiene", envolvendo professores e auxiliares de ensino na nobre tarefa de formar higienicamente as crianças. Assim, são estabelecidas normas para os serviços oficiais. Vejamos aqui as principais normas:

O exame physico de cada aluno, pelos menos uma vez por ano, *exercícios physicos diariamente e ao ar livre, nutrição boa e adequada, repouso sufficiente e trabalho metódico, escolas higienicas e apropriadas [Grifos nossos]*²⁷.

Na opinião dos médicos e, por extensão, dos pedagogos, os exercícios físicos ao ar livre tornam-se indispensáveis, pois a "vida escolar" com suas exigências tem agido desfavoravelmente sobre o desenvolvimento das crianças. Assim os médicos aconselham a "ginástica natural", traduzida por "jogos ao ar livre, corridas, saltos, passelos, patinação, natação, remo, etc."²⁸. Quando se referem à "ginástica metódica", sugerem a ginástica sueca de Ling, por responder mais adequadamente aos princípios da hygiene.

Sueca

24. Congresso Brasileiro de Hygiene, 3., São Paulo, 1926. *Annaes*, p. 801.

25. *Idem*, p. 805.

26. Congresso Brasileiro de Hygiene, 3., São Paulo, 1926. *Annaes*, p. 861.

27. Congresso Brasileiro de Hygiene, 3., São Paulo, 1926. *Annaes*, p. 866.

28. *Idem*, p. 868.

Conforme o Dr. Colombo Spinola, "os exercícios físicos de Ling desenvolvem as forças físicas das crianças e dão aos movimentos maior amplitude com a menor força"²⁹.

Um aspecto que deve ser salientado e que figura com frequência nos discursos médicos é aquele relativo aos cuidados para que não se cometam exageros e abusos na "dosagem" dos exercícios físicos. Estes devem ser *prescritos pelo médico*, que saberá fazê-lo adequadamente em função da idade e da constituição de cada criança³⁰.

Entre os cuidados com a saúde destaca-se a Educação Física que tem o médico como tutor do professor que ministrará a matéria na escola pública ou nas instituições particulares. Essa tutela é tal que a promoção funcional dos professores está diretamente ligada aos cuidados por eles destinados à Educação Física, à saúde das crianças e à higiene da classe. Esses são os elementos considerados na sua avaliação, os quais são privativos do médico escolar, conforme previsto no decreto n. 2.008, de 14 de agosto de 1924³¹.

Uma vez mantido o professor sob sua tutela, através de diferentes mecanismos de controle, os médicos higienistas tratarão de buscar formas de controlar e fiscalizar também as crianças e, para isso, criam os chamados Pelotões de Saúde.

Estes Pelotões possuíam estatutos que deviam ser rigorosamente seguidos para a sua organização e constituição, incluindo os deveres que seriam cumpridos diariamente pelos seus membros e registrados em fichas que ficariam sob a guarda da professora. Mensalmente essa ficha, devidamente registrada, seria visada pela diretora da escola, pelo inspetor escolar e pelo médico. Os deveres do Pelotão de Saúde eram os seguintes:

1. Lavei as mãos e o rosto ao acordar.
2. Tomei um banho com água e sabão.
3. Penteiei os cabelos e limpei as unhas.
4. Escovei os dentes.
5. Fiz *gymnástica ao ar livre*.

29. Idem, *Ibidem*.

30. Idem, *Ibidem*.

31. Congresso Brasileiro de Hygiene, 3., São Paulo, 1926. *Anuaes*, p. 872.

6. Fiz uma evacuação intestinal, lavando depois as mãos com água e sabão.

7. Brinquei mais de meia hora ao ar livre.

8. Tomei um copo de leite.

9. Bebi mais de 3 copos d'água.

10. Fiz respiração profunda ao ar livre.

11. Estive sempre direito, quer de pé quer sentado. Só li e escrevi em boa posição.

12. Só bebi água no meu copo e só limpei os olhos e nariz com o meu lenço.

13. Dormi a noite passada 8 horas, pelo menos, em quarto ventilado.

14. Comi frutas ou hervas bem lavadas. Lavei as mãos antes de comer e mastiguei devagar tudo o que comi.

15. Andei sempre calçado e com roupa limpa.

16. Não beijei nem me deixei beijar.

17. Não cuspi nem escarrei no chão. Ao espirrar ou tossir usei o meu lenço.

18. Não colloquei na bocca, no nariz e nos ouvidos, nem os dedos, nem o lápis nem nada que estivesse sujo ou pudesse machucar-me.

19. Não tomei álcool. Não fumei.

20. Não menti nem brincando [Gritos nossos]³².

Neste conjunto de deveres a serem cumpridos pelas crianças e fiscalizados pelo Pelotão, entre os quais encontramos a ginástica, é possível perceber toda uma disciplina corporal/higiênica cujos novos hábitos vão se enraizando. Em nome da saúde, a hygiene consegue incutir uma disciplina corporal na qual figuram os princípios da moral burguesa através das noções de bem e de mal, de certo e errado, contribuindo, assim, para uma aceitação "pacífica" do modo de ser e viver burguês; e a disciplina corporal, através das normas higiênicas, é tratada como a grande responsável pela patéria de amanhã.

32. O detalhamento da constituição de um Pelotão de Saúde, bem como o seu "aparelhamento", pode ser encontrado em Carneiro Leão, Congresso Brasileiro de Hygiene, 3., São Paulo, 1926, *Anuaes*, pp. 873-875.

Não pode deixar de ser particular preocupação dos pais e dos educadores a colocação das crianças sob influxo constante da vida ao grande ar, da helioterapia preventiva e da *ginástica moderna* os soberanos e incomparáveis recursos para o mais perfeito e duradouro estado de *hygiène*³³.

Ao final dos trabalhos do III Congresso Brasileiro de Hygiène, o relator geral do tema "formação de hábitos sadios nas crianças", Dr. J. P. Fontenelle, apresentou um parecer no qual evidencia a evolução da *hygiène* que de "coercitiva" passa a ser "educativa". Neste mesmo parecer acentua a necessidade do *exercício físico* como elemento fundamental da educação higiênica e enquanto hábito saudável, e acentua também o papel da instituição escolar na formação destes hábitos saudáveis. Afirma ele que

[a] escola tem de actuar de varias formas: pelo meio, como possibilidade da execução dos actos sadios (perfeito fornecimento de água, boas installações de latrina, lavatórios convenientemente aparelhados, etc); pelo exemplo da professora instruída em *hygiène* e educada sanitariamente pela organização dos trabalhos sem attentado aos dogmas da *hygiène*; e, muito particularmente, pelo esforço ali feito para inculcar bons hábitos de saúde, *physica* e *psychica*, entre os quais incluídos os exercícos *physicos* ao ar livre³⁴.

O V e último Congresso Brasileiro de Hygiène³⁵ promovido pela SBH nesta sua primeira fase e realizado no Recife, no ano de 1929,

33. Moncorvo Filho, Congresso Brasileiro de Hygiène, 3, São Paulo, 1926, *Annaes*, p. 908.

34. J. P. Fontenelle, Congresso Brasileiro de Hygiène, 3, São Paulo, 1926, *Annaes*, p. 937. Em 1929, o Dr. Fontenelle publica o livro *Fundamentos fisiológicos da Educação Física*, que demonstra a preocupação e o interesse dos médicos com esta área do conhecimento.

35. Quanto ao IV Congresso Brasileiro de Hygiène, não encontramos em nossa pesquisa registros sobre os trabalhos e temas lá apresentados. Na leitura da pesquisa realizada por M. T. Luz, intitulada *Medicina e Ordem política Brasileira*, 1982, constatamos a mesma dificuldade da autora que, entretanto, nos traz alguns dados sobre aquele congresso obtidos nos "Archivos de Hygiène." O IV Congresso Brasileiro de Hygiène foi realizado na Bahia, no período de 14 a 20 de janeiro de 1928, e lá "foram apresentados 67 trabalhos. Pelas poucas moções

Eugenio

também confere destaque à temática do exercício físico apresentando-o como importante fator eugênico no contexto da educação do povo. O Dr. Waldomiro de Oliveira, debatendo o tema "Problemas de Saúde Pública", refere-se à ginástica como importante fator de *hygiène* pessoal, e aos campos de recreação e esportes como elementos constitutivos de um efetivo saneamento do meio. Em seu pronunciamento, acentua a importância da educação, transcrevendo as idéias do Dr. Miguel Couto - um dos mais eminentes médicos da época - para dar conta desta importante questão nacional.

Sem educação não há superioridade moral, não há Pátria [...] Porque não lançamos nós, pacíficos, de vez em quando, um vasto programa de Educação Nacional, para termos amanhã a Pátria mais bella, dessa beleza moral que irradia a cultura, a mais próspera porque da cultura nasce a ambição, da ambição a atividade, da atividade a riqueza, e desta multiplicada a prosperidade coletiva [...] Eis o que é a saúde da raça, a saúde da Pátria. É a sua cultura [...] no Brasil só há um problema nacional - a educação do povo³⁶.

Estas idéias sobre a educação como fator de regeneração e renovação nacional defendidas pelos médicos, serão incorporadas no discurso de pedagogos e estadistas em torno da bandeira da Escola Nova, movimento de renovação do país pela educação - uma educação física, intelectual e moral.

Ainda sobre a Educação Física, o V Congresso Brasileiro de Hygiène, através do pronunciamento de Dr. Waldomiro, atribui-lhe relevante papel. Afirma este médico que a Educação Física deve ocupar um lugar de evidência e isto se faz necessário uma vez que ela,

que o texto apresenta, percebe-se a importância do combate à peste, à boubá, à luta antivenérea [...] o que sugere a profundidade da situação epidêmica e epidêmica no país e a necessidade política de seu controle". M. T. Luz também registra um acentuado debate em torno da idéia de um certo "nacionalismo patriota" presente na doutrina sanitarista, "mais ligado à 'eugenia', à 'melhoria da raça', reconhecedor da universalidade das 'grandes instituições' [...] entretanto [salienta a autoral, nem as referências aos discursos nem as moções apresentadas nos permitem concluir sobre a natureza das principais lutas em luta neste campo", pp. 182-183.

36. Congresso Brasileiro de Hygiène, 5, Recife, 1929, *Annaes*, p. 133.

o movimento de renovação

racionalmente dirigida, abrumosa, fortifica e disciplina o caráter e o corpo; dirige a população para diversas sãs e assim e por tudo isso constitui fonte de profilaxia real³⁷.

Quanto aos parques destinados à prática da Educação Física, afirma o Dr. Waldomiro que eles devem ser

distribuídos pelos núcleos da população, [pois] garantem não só permanente e efetiva atuação, como podem trazer a melhor cooperação nas campanhas sanitárias, pelo atrativo que exercem principalmente sobre as crianças e a mocidade, que para frequentá-los submeter-se-iam facilmente as exigências de assistência sanitária³⁸.

O V Congresso traz ainda as conclusões votadas no II Congresso de Educação, conclusões estas que também tratam da Educação Física, colocando-a a serviço da educação sanitária. E lucidativa de nossa afirmação é a conclusão de número VI, cujo teor transcrevemos:

VI - Para orientar a Educação Sanitária no país, é indispensável que sejam criados institutos de Educação Physica, destinados ao preparo de instrutores técnicos³⁹.

Os profissionais ligados à Educação Física seriam os arautos da saúde, vendedores de força e beleza, robustez e vigor.

A Educação Física, portanto, passa a integrar as propostas discursivas dos médicos higienistas e fica gravada em seus escritos, em seus pronunciamentos e em seus congressos. É veiculada tanto nas propostas de tipo eugênico, quanto naquelas que tomam a higiene moral e a educação como fundamento da ordem sanitária e, portanto, da ordem estatal.

37. Dr. Waldomiro de Oliveira, 1929, p. 140.

38. Congresso Brasileiro De Hygiene, 5., Recife, 1929, Annacs, p. 140.

39. Idem, p. 141.

6. EDUCAÇÃO FÍSICA E EUGENIA: ALCUMAS IDEIAS DE FERNANDO DE AZEVEDO

A leitura das Actas e Trabalhos apresentadas no I Congresso Brasileiro de Eugenia realizado no Rio de Janeiro, no ano de 1929, permite-nos aprender o destaque dado à Educação Física como fator fundamental na regeneração e revigoração da raça brasileira. Apresentando o tema "Da educação physica como fator eugênico e sua orientação no Brasil", o Dr. Jorge de Moraes registra as seguintes conclusões:

1º - A bem da saúde e desenvolvimento da raça, o 1º Congresso Brasileiro de Eugenia appella para a classe médica a fim de apoiar e fundar a cultura nacional no que diz respeito às bases e orientações científicas da Educação Physica a começar pela escolha do método apropriado aos brasileiros e ao seu clima.

2º - O 1º Congresso Brasileiro de Eugenia incita o Governo da República a que com máxima urgência:

- a) organise Escolas Superiores de Educação Physica para conveniente preparo dos professores indispensáveis à cultura physica nacional.
 - b) institua o Conselho Superior de Educação Physica Nacional órgão consultivo e orientador do grande problema eugênico.
 - c) estabeleça da melhor maneira possível a fiscalização especializada do caso em todos os estabelecimentos de ensino, associações desportivas e outros centros de cultura physica.
 - d) promova o preparo de Gymnastas, e campos apropriados a gymnástica analytica e jogos ao ar livre para uso do povo em geral.
- 3º - O actual Congresso de Eugenia proporá para suas futuras reuniões theses relativas à Educação Physica do povo brasileiro⁴⁰.

O pensamento médico higienista, em sua vertente eugênica, atravessa o pensamento pedagógico e influencia fortemente a construção e estruturação da Educação Física no Brasil. O pensamen-

40. Congresso Brasileiro de Eugenia. 1., Rio de Janeiro, 1929, Actas e trabalhos, p. 320.